

Os Livros de Geografia da Faculdade de Letras da
Universidade do Porto (1919-1931): Ciência, Ensino e
Divulgação

João Carlos Garcia
José Ramiro Pimenta

Os Livros de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (1919-1931): Ciência, Ensino e Divulgação

João Carlos Garcia *
José Ramiro Pimenta **

O ensino superior da Geografia em Portugal teve um processo tardio e lento. Embora várias matérias geográficas fossem leccionadas na Universidade de Coimbra, desde a sua fundação, em especial a partir da reforma pombalina, e em Lisboa, no Curso Superior de Letras, desde o seu estabelecimento por D. Pedro V, em 1861, só no quadro desse curso superior foi criado um lugar autónomo de Professor da Cadeira de Geografia, ocupado pela primeira vez por Francisco Xavier da Silva Telles, em 1904. Sete anos depois, o Regime Republicano instituiu as Faculdades de Letras de Lisboa e de Coimbra, esta sucedendo à Faculdade de Teologia. Vivem-se então, também nas Universidades, tempos conturbados do ponto de vista ideológico, político e militar, que opõem monárquicos e republicanos e republicanos entre si.

Durante o primeiro Governo de Domingos Leite Pereira (Março-Junho de 1919), a denominada “questão académica”, que opunha o poder central e a Universidade de Coimbra, agudizara-se. Os processos levantados por hostilidade ao regime, a vários professores de Direito, entre os quais se contavam Oliveira Salazar, Magalhães Collaço e Carneiro Pacheco, contam novos episódios. Leonardo Coimbra, filósofo e publicista, um dos nomes maiores do movimento da Renascença Portuguesa, é nomeado Ministro da Instrução, e toma uma polémica decisão: transferir a Faculdade de Letras de Coimbra para o Porto, “desanexada da Universidade de Coimbra” e “colocada na Universidade do Porto.”¹ No dizer de Luís de Oliveira Ramos:

“A motivação próxima, pretexto, para a instituição da Faculdade de Letras do Porto [...] está então na questão com Coimbra, que era uma questão entre republicanos e conservadores, inimigos da República, mas na sua génese pesou, muito mais, o clima criado pela Renascença Portuguesa, as condições do meio portuense e o sentido de política de educação de Leonardo, apostado na intensificação da formação de professores a uma nova luz.”²

* Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DG.

** Universidade do Porto, Faculdade de Letras, DG.

¹ Art.º 1 do Decreto Lei 5770, *Diário do Governo*, Lisboa, 98, 140 supl., I sér., 10 de Maio de 1919 (Luís de Pina – “Faculdade de Letras do Porto (breve história)”, *Cale. Revista da Faculdade de Letras do Porto*, Porto, I, 1966, p. 67). A Faculdade de Letras da Universidade do Porto foi criada pelo Art.º 11º da Lei nº 861, de 27 de Agosto de 1919, lei que revoga a extinção da Faculdade de Letras de Coimbra (cf. *O Porto e a sua Universidade. I Centenário da Faculdade de Medicina do Pôrto. MDCCCXXV-MDMXXV*, Pôrto, Tipografia da Enciclopédia Portuguesa, 1925, p. 183).

² Luís A. de Oliveira Ramos – “Notas sobre a origem e o estabelecimento da Faculdade de Letras do Porto”, *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, Porto, 2º sér., I, 1983, p. 254. Sobre a ideia de continuidade entre o movimento da Renascença e a nova Faculdade, acrescentara ainda, recordando Salgado Junior: “[...] deu continuidade porque um grande número de professores e alunos integrava, ou veio a integrar, o movimento; porque essa mesma gente animou tertúlias, jornais, cursos e conferências do burgo; enfim, porque, acrescentamos nós, a Faculdade de Letras, estabelecida por Leonardo, pertence à linhagem republicana e democrática.” (*Ibid.*, p. 251).

1. O ensino da Geografia na Faculdade de Letras

Inicialmente instalada a Faculdade de Letras do Porto no histórico edifício da Faculdade de Ciências, aí começaram a funcionar desde logo as aulas, no ano lectivo de 1919-1920³. No ano seguinte a instituição mudou para a denominada Quinta Amarela, ao Carvalhido, onde permaneceu até 1926. As licenciaturas criadas e os *curricula* respectivos eram em tudo idênticos aos existentes nas outras Faculdades de Letras. Assim, os grupos das disciplinas organizavam-se do seguinte modo: filologia clássica, filologia românica, filologia germânica, ciências históricas e geográficas e ciências filosóficas. Para a atribuição do grau de Doutor existiam as mesmas áreas.

No quadro das Ciências Históricas e Geográficas contavam-se 4 cadeiras de Geografia e mais 3 complementares: no 1.º ano, Geografia geral e Geografia física; no 2.º ano, Geografia de Portugal e Colónias, Antropologia geral, Etnologia e um Curso de Cartografia e Elementos de Topografia, leccionado na Faculdade de Ciências, como no caso da Geografia física; no 3.º ano, Geografia política e económica e, no 4.º ano, não existia qualquer disciplina de Geografia, provando-se assim, o papel deste campo de saber como auxiliar da História.⁴

No grupo das Ciências Históricas e Geográficas, foi o Dr. A. A. Mendes Corrêa, um médico de 31 anos, já docente na Faculdade de Ciências, o professor encarregue de leccionar a primeira cadeira, a cadeira de Geografia Geral. Durante a breve existência do ensino superior das Letras no Porto, Mendes Corrêa sempre representou as ciências geográficas no quadro institucional. Assim aconteceu aquando da criação do Instituto de Estudos Históricos, em Agosto de 1923, tendo sido indigitado para a instalação da secção de Geografia.⁵

Na distribuição de serviço de Outubro de 1921, foi a cadeira de Geografia Política e Económica atribuída a António Luís Gomes, mas essa prestação revelou-se efémera. Em Julho de 1922, Mendes Corrêa solicitou para a “cadeira de Geografia” um dos lugares de assistente do quadro, propondo desde logo, o nome de Artur de Magalhães Basto. A razão do contrato não poderia ser o número de alunos ou a sobrecarga de serviço docente. Em 1923 chegavam ao fim das suas carreiras os primeiros licenciados da nova Faculdade, que no total albergava 123 alunos. Em Ciências Históricas e Geográficas contavam-se: oito alunos no primeiro ano, onze no segundo, onze no terceiro e cinco no quarto.⁶

No ano lectivo de 1923-1924, é Magalhães Basto quem assegura a leccionação da cadeira de Geografia Política e Económica, enquanto Mendes Corrêa tem a seu cargo a Geografia Geral e a Geografia de Portugal. No ano lectivo seguinte, sendo Mendes Corrêa professor ordinário e Magalhães Basto, assistente interino de Ciências Geográficas, foi deliberado que ao ensino da Geografia Política e Económica se deveria juntar o da Antropogeografia, o que vai claramente ao encontro das correntes teóricas então vigentes nos países da Europa do Norte. Em Novembro de 1925, a regência da Cadeira de Geografia Política e Económica foi entregue a Humberto Pinto Lima, um jovem licenciado pela instituição.

Na nova Faculdade de Letras do Porto os lugares eram ocupados por convite, o que provocou duras críticas por parte dos detractores da instituição, e o grau académico de Doutor concedido por proposta do conselho científico da escola e não mediante provas públicas com a defesa de uma dissertação⁷. Assim aconteceu com António Augusto Esteves Mendes Corrêa, o primeiro e único

³ Sobre a construção da história da Faculdade de Letras do Porto, ver Luís A. de Oliveira Ramos, “Faculdade de Letras: da história de hoje para a História”, *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – História*, Porto, III Série, Vol. 1, 2000, p. 147-152.

⁴ Victor de Sá – “Notas sobre o Ensino da História na 1.ª Faculdade de Letras do Porto”, Porto, *Revista da Faculdade de Letras – História*, II série, vol. III, 1986, p. 203-204.

⁵ Luís de Pina – *Op. cit.*, p. 103. O Instituto publicou, entre 1924 e 1926, nove números da *Revista de Estudos Históricos. Boletim do Instituto de Estudos Históricos da Faculdade de Letras do Porto*, na sequência da extinta *Revista da Faculdade de Letras do Porto* e ambas ligadas ao movimento da Renascença Portuguesa e à revista *Águia* (cfr. Alfredo Ribeiro dos Santos – *A Renascença Portuguesa: um movimento cultural portuense*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 1990, p. 542).

⁶ Luís de Pina – *Op. cit.*, p. 146.

⁷ Cfr. Cândido dos Santos – *Universidade do Porto, raízes e memória da instituição*, Porto, Universidade do Porto, 1996, p. 303. Refere Luís de Oliveira Ramos: “[...] os novos catedráticos, identificam-se com o movimento republicano, em cuja propaganda determinados militaram, enquanto outros desempenharam cargos políticos de maior ou menor evidência e lugares de chefia na história do regime saído da revolução de 1910.” (*op. cit.*, 1983, p. 260).

Doutor em Ciências Geográficas, por decisão do conselho, em 2 de Dezembro de 1925.⁸

Em meados de Outubro de 1926, discute-se no conselho da escola o projecto de reorganização das Faculdades de Letras, com novos *curricula*. Nos agrupamentos de cadeiras propostos, as Ciências Geográficas, que constituem o 5º grupo, são as seguintes: Geografia Geral (anual), Geografia Física (semestral e leccionada na Faculdade de Ciências), Geografia Política e Económica (anual), Antropogeografia Geral (semestral), Geografia de Portugal e Colónias (anual), Etnologia (semestral) e Cartografia e Elementos de Topografia (semestral e leccionada na Faculdade de Ciências). Para as cinco cadeiras ensinadas na instituição eram atribuídos: um lugar de Professor Catedrático (Geografia Geral) e um outro de assistente.

As cadeiras, no seu conjunto, representavam uma parte da licenciatura em Ciências Históricas e Geográficas, já que, em nenhuma das outras quatro licenciaturas da mesma Faculdade de Letras, as cadeiras de Geografia faziam parte dos respectivos *curricula*. Em Ciências Históricas e Geográficas, a Geografia estava presente no primeiro ano, com duas (Geografia Geral e Geografia Física) das cinco cadeiras obrigatórias; no segundo ano, com três (Antropogeografia Geral, Geografia de Portugal e Colónias e Cartografia e Elementos de Topografia) das seis cadeiras; no terceiro ano, com uma (Geografia Política e Económica) de seis cadeiras e, no quarto ano, com uma (Etnologia) de sete cadeiras.

O peso da História, já bastante forte nos primeiros anos da licenciatura, era quase exclusivo nos últimos, mas aos alunos de Letras não satisfazia a obrigatoriedade de frequentar aulas na Faculdade de Ciências, particularmente cadeiras como Mineralogia e Geologia Gerais, “cursos para especialistas”, como são classificadas em representação de protesto junto do Governo de Fragoço Carmona, em Novembro de 1926⁹. Contudo, não poderemos esquecer que a principal saída profissional dos licenciados de Letras era o ensino e, para o caso do ensino da Geografia, os programas dos exames de admissão ao Curso do Magistério Primário Superior, exigiam aprofundados conhecimentos de Cosmografia e de Geografia Física, com estreita ligação às matérias leccionadas na Faculdade de Ciências.

Nas provas orais realizadas em 1925, os candidatos teriam de discorrer sobre a Geografia de Portugal e Colónias. Para Portugal continental: sobre as costas, a hidrografia e a orografia; as regiões geomorfológicas; a demografia; a forma do governo, os poderes do Estado e as divisões administrativas. Para Angola e Moçambique: sobre a geomorfologia, a geografia política e económica e a colonização portuguesa. Nas provas especiais, o candidato era inquirido sobre aspectos da Geografia Geral: noções elementares de cosmografia; a Terra no sistema solar; forma, dimensões e estrutura da Terra; coordenadas geográficas; zonas terrestres; repartição das terras e dos mares; relevo geral do globo; divisões naturais da Terra; influências estruturais e causas epigénicas no modelado terrestre; classificação das montanhas; biogeografia; zonas de vegetação e regiões zoológicas; a vida nos mares e influência do Homem sobre a Natureza e da Natureza sobre o Homem.¹⁰

No ano lectivo de 1926-1927, a 13.^a cadeira (cátedra) – Geografia Geral era ocupada por Mendes Corrêa. Tendo Magalhães Basto transitado para assistente de História, ainda no ano anterior, foram contratados como assistente Torquato de Sousa Soares e como assistente provisório para sessões práticas de Geografia, Humberto Pinto Lima. Este movimento na escola que poderia indiciar normalidade e mesmo desenvolvimento não correspondia aos acontecimentos políticos que então se sucediam no exterior.

Na sequência da Revolução do 28 de Maio de 1926, uma primeira revolta, de grandes proporções, ocorreu no Porto, em Fevereiro de 1927, terminando dramaticamente com 80 mortos e centenas de feridos nas ruas e o exílio de vários intelectuais, entre os quais Jaime Cortesão. No ano seguinte e na sequência de forte movimentação política por parte de professores e alunos, a Facul-

⁸ Luís de Pina – *Op. cit.*, p. 108. Recordaríamos que em 1922, A. de Amorim Girão tornara-se o primeiro Doutor em Geografia, em Portugal, ao apresentar à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a dissertação: *Bacia do Vouga. Estudo Geográfico* (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922).

⁹ Luís de Pina – *Op. cit.*, p. 119.

¹⁰ *O Porto e a sua Universidade...*, *op.cit.*, p. 200.

dade de Letras foi encerrada, provocando uma greve geral de toda a Universidade. A decisão foi tomada pelo Ministro da Instrução Pública, Alfredo de Magalhães, catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto e Reitor da mesma Universidade.¹¹

Não foram autorizadas novas matrículas e aos alunos apenas lhes foi permitido terminar o curso. Em 1930-1931, Magalhães Basto tinha a seu cargo as aulas de trabalhos práticos e, depois, da própria regência da cadeira de Geografia Colonial Portuguesa. Mendes Corrêa partirá para França, depois de ser nomeado organizador da secção portuguesa da Exposição Colonial de Paris, em Janeiro de 1931. Em Abril, a polícia entrará brutalmente numa assembleia académica na Faculdade de Medicina, haverá prisões, feridos e a morte de um estudante do Instituto Industrial e Comercial do Porto.¹² A Faculdade de Letras do Porto é encerrada, durante cerca de 30 anos.¹³

No panorama cultural português das primeiras décadas do século XX, o caso particular que constituiu a Faculdade de Letras do Porto fica bem patente nas palavras de Rui Ramos:

“A Faculdade de Letras foi uma instituição universitária sem precedentes em Portugal. [Leonardo] Coimbra recrutou os professores fora das praxes académicas dos concursos, dando a oportunidade de leccionarem no ensino superior a autodidactas sem quaisquer diplomas universitários [...] Foi do Instituto de Estudos Históricos da Faculdade de Letras do Porto que saiu a direcção e a maior parte da colaboração da História de Portugal chamada “de Barcelos” (1928), a primeira e, durante dezenas de anos, única história geral do País produzida pela erudição académica. Ao contrário do que se passava nas outras universidades alguns dos professores da Faculdade de Letras do Porto chegaram a ter entre os estudantes uma real influência intelectual, como Teixeira Rego, Aarão de Lacerda e, claro, Leonardo Coimbra.”¹⁴

2. Os livros de Geografia da Biblioteca da Faculdade

A Biblioteca da Escola foi, desde o primeiro momento, um dos motivos de preocupação dos professores. Logo em Novembro de 1919, foi nomeado bibliotecário Newton de Macedo, nome bem conhecido nos círculos intelectuais portuenses, futuro membro activo do Centro de Estudos Democráticos e estudioso da obra de Descartes, que permanecerá no cargo por vários anos. E, em Fevereiro de 1921, toma posse como conservador da Biblioteca, João Fernandes de Freitas.

Na primeira metade de 1920 uma importante parte do orçamento é gasta em livros para a biblioteca e em material didáctico, onde estava certamente incluído material para as aulas de Geografia.¹⁵ Também os periódicos científicos, dos quais dependia a permanente actualização dos saberes, não foram esquecidos. Em Fevereiro de 1924 foi aprovada a assinatura de várias revistas.

Não tenhamos dúvidas sobre a importância do acervo de livros da biblioteca para os professores e alunos, embora só raras vezes os volumes se encontrem anotados a tinta ou a lápis (em 7 das

¹¹ Alfredo de Magalhães será designado pelo regime, presidente da Câmara Municipal do Porto (1933-1936), sucedendo-lhe no cargo A. A. Mendes Corrêa (1936-1942).

¹² François Guichard – “Século XX” in *História do Porto*, dir. Luís A. de Oliveira Ramos, 3ª ed., Porto, Porto Editora, 2000, p. 567. A Nota do Governo Civil sobre os acontecimentos dirá: “[...] a verdade é que nada teria sucedido se os estudantes, limitando-se ao exercício da sua profissão, não persistissem em reunir-se para fins meramente políticos contra as ordens expressas da autoridade e ainda sem autorização dos srs. Reitor da Universidade e Director da Faculdade.” (*O Comércio do Porto*, Porto, LXXVI, 101, 30 de Abril de 1931, p. 3).

¹³ Sobre as carreiras académicas e a produção científica dos professores de História da Faculdade ver, de António Carvalho Homem, “A História que nos fez e a História que se faz: da primeira à segunda fase da Faculdade de Letras do Porto”, *Revista de História*, Porto, XI, 1991, p. 233-236. Para um balanço sobre a educação e o ensino durante a I República, ver Rómulo de Carvalho – *História do Ensino em Portugal desde a fundação da nacionalidade até o fim do regime de Salazar-Caetano*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1986, p. 651-718.

¹⁴ Rui Ramos – “A Segunda Fundação (1890-1926)” in *História de Portugal*, dir. José Mattoso, VI, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994, p. 556. Os estudantes da Universidade do Porto tiveram desde 1916 o seu periódico científico, a *Revista dos Estudantes da Universidade do Porto*, impresso na tipografia da Renascença Portuguesa e com uma comissão de redacção onde se contavam nomes como António Castro Henriques, Carlos Manuel Ramos, Carlos Teixeira e Rodrigo Sarmiento de Beires. Entre 1921 e 1922, os alunos da Faculdade de Letras publicarão *A Nossa Revista*.

¹⁵ Luis de Pina – *Op. cit.*, p. 85 e 87.

118 obras reconhecidas). Newton de Macedo estipula, em Novembro de 1928, que os docentes podem apenas conservar em seu poder as obras requisitadas, durante um mês.¹⁶ Por parte dos alunos, o acesso à biblioteca era condicionado pelo pagamento de um “direito anual” que, em 1925, custava 10\$00, quando se exigiam 40\$00 de propina na matrícula em cada cadeira anual.¹⁷

Partimos da obra *‘Fundo Primitivo’ da Biblioteca Central, 1919-1928*, que inventaria cerca de 2800 monografias das 3340 obras existentes na biblioteca da primeira Faculdade de Letras da Universidade do Porto, hoje depositadas na Biblioteca Central da actual instituição.¹⁸ Como explicam os organizadores do volume: “Não se tratando de um espólio muito numeroso [...] nem particularmente rico em espécimes excepcionalmente valiosos, o ‘Fundo Primitivo’ constitui, todavia, exemplo da Biblioteca de uma escola superior no domínio das ciências humanas e sociais no princípio deste século.”¹⁹ Porém, estas foram as obras detectadas²⁰, no fundo geral da nova biblioteca, quando se procedeu à sua recatolgação e organização como núcleo autónomo.

Entre os espécimes ausentes, pelas sucessivas desanexações, estão os periódicos, já que poucos são os títulos e colecções existentes; por essa razão, foram incorporados na hemeroteca geral da Faculdade. Assim, perante a inexistência do arquivo da antiga instituição, é hoje difícil reconstituir o acervo da sua biblioteca, na totalidade. Encerrada a escola, em 1931, repartidos ou expulsos professores, alunos e funcionários, o caminho dos livros e do material escolar foi atribulado.

Após o abandono do último edifício onde se encontrava a Faculdade, na Rua do Breiner, atendendo à ligação estreita à Faculdade de Ciências, para onde transitaram alguns professores, como Mendes Corrêa, para aí foi também grande parte do património, e aí se poderão talvez hoje encontrar algumas das obras que, naturalmente, existiam na primitiva biblioteca de Letras.²¹ Depois, aquando da refundação da Faculdade, na década de 60, e a sua instalação no denominado “edifício de Biomédicas”, novas desanexações podem ter ocorrido.

Em cada etapa, um dilema se terá colocado a quem teve de seleccionar lotes de livros, ao agrupar os de “ciências geográfico-naturais” e os de “ciências histórico-geográficas”, em relação directa com distintas reformas curriculares ou com normativas internas das instituições de ensino e investigação. E onde “caíram” aquelas que classificamos hoje como obras de Geografia? A herança que recebemos e analisaremos é, claramente, a das “ciências histórico-geográficas”. Pelo caminho terão ficado as obras de carácter “geográfico-natural”, mas também as relacionadas com a Antropologia física e cultural e a Etnografia, bem como muito do acervo bibliográfico da denominada hoje Geografia Tropical, e então, Geografia Colonial.

2.1. Autores e obras

No conjunto das 2810 obras descritas no catálogo seleccionámos 118 como geográficas ou de campos de saber afins, como a Cosmografia, a Climatologia ou a Geologia, que apoiavam matérias que, no quadro das licenciaturas da Faculdade de Letras, apenas poderiam ser leccionadas nas Ciências Históricas e Geográficas. O conjunto representa muito pouco, apenas 4,2% do total, o que só se pode explicar pela ausência de muitas das obras originalmente adquiridas, doadas e utilizadas pelos professores das várias cadeiras de Geografia. Contudo, comentaremos este universo.

São muitos e diversificados os autores presentes, 96 entre portugueses e estrangeiros. Mas, poucos são aqueles que contribuem com várias obras: apenas o francês A. Berget, o espanhol Lucas Fernández Navarro, o escocês Archibald Geikie, o português Francisco Pereira de Sousa e o alemão Hermann Wagner surgem, cada um, com três diferentes obras, de distintas especialida-

¹⁶ *Ibid.*, p. 97.

¹⁷ Cfr. *O Porto e a sua Universidade...*, *op. cit.*, p. 200.

¹⁸ Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1989.

¹⁹ *Ibid.*, p. 6.

²⁰ Na falta dos livros de registo de entradas, com base nos carimbos de pertença, nos tipos de encadernação, etc.

²¹ É Mendes Corrêa, Director do Museu de Arqueologia Histórica da Universidade, quem recebe esse espólio, em Junho de 1932, num total de 3340 obras. O armazenamento pouco cuidado durante décadas permitiu o descaminho de volumes que tiveram, entre outros destinos, os alfarrabistas da cidade (cfr. *‘Fundo Primitivo’...*, *op. cit.*, p. 5-6).

des. Com base nas eventuais referências sobre profissões ou cargos ocupados pelos autores, divulgadas sob os seus nomes, podemos tirar algumas conclusões. Os mais presentes como autores são os professores universitários, de todas as nacionalidades. Entre os portugueses existem também os professores do ensino secundário e os militares; entre os franceses, engenheiros e investigadores; entre os ingleses e os portugueses, sócios das respectivas Sociedades de Geografia.

Um dos mais interessantes aspectos deste universo é o da tradução e da não tradução. As obras portuguesas representam um terço do universo, as francesas outro terço, as inglesas (13%), as alemãs (13%) e as espanholas (8%) correspondem ao terceiro terço. Apenas uma obra portuguesa foi traduzida e, naturalmente, para francês; apenas uma obra francesa foi traduzida para português. Existem 37 obras no original francês, como existem 9 obras no original, em castelhano. Duas línguas que qualquer dos universitários portugueses tinha “obrigação” de compreender. Das obras inglesas, 8 estão no original; 5 em tradução francesa e 1 em tradução alemã. No caso das obras alemãs, 9 estão no original, 2 em tradução italiana, 2 em tradução espanhola e 2 em tradução francesa. Assim, não só o francês é a grande língua de intercâmbio científico, como o alemão tem alguma facilidade em ser lido, particularmente entre os interessados portugueses pela Geografia Física. Quanto aos tradutores, quando identificados, todos têm por língua o idioma em que a obra foi editada.

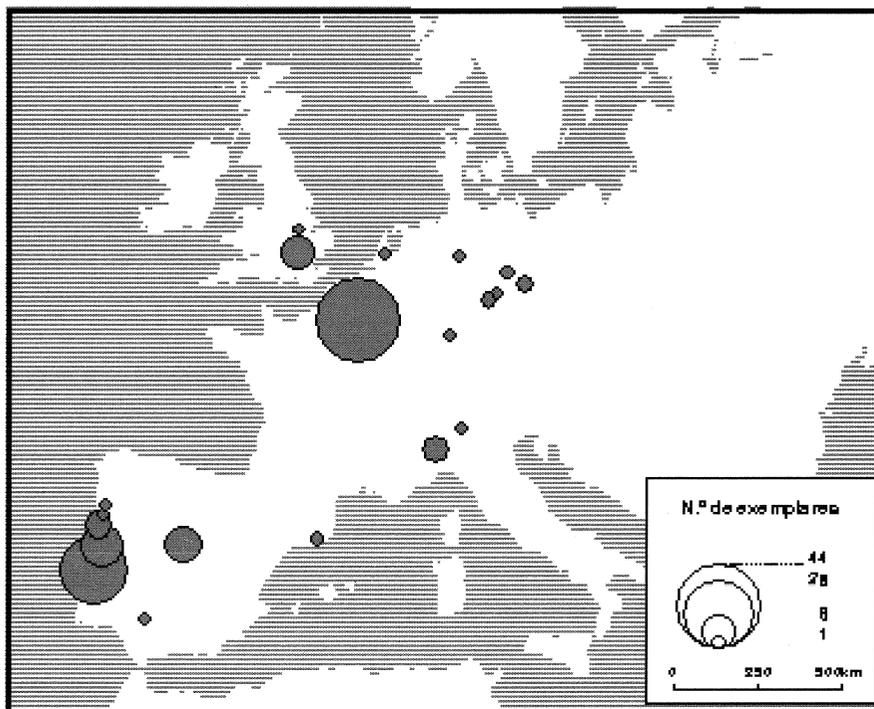
A biblioteca da primitiva Faculdade de Letras do Porto continha um conjunto apreciável de obras marcadamente científicas, dispersas pelos vários temas subdisciplinares da Geografia. É também importante o número de obras de divulgação científica, livros de carácter mais geral e sem o aparato erudito nem a exigência teórica e metodológica dos anteriores. De entre os manuais, podemos isolar dois conjuntos de diferentes características, consoante o nível de estudos a que se destinavam, universitário ou liceal. Menos numerosos os do segundo grupo, e com maior incidência em temas da Geografia física, podem talvez representar a necessidade de complementar algumas lacunas existentes entre os manuais de ensino superior, que são, não só mais numerosos, como mais diversificados.

Sobreviveram apenas cinco atlas, facto que parece estranho pelas características do ensino ministrado e da atenção dos docentes para com a Cartografia e os trabalhos práticos em Geografia. Se os mapas parietais e o restante material essencial para a leccionação da Cosmografia (planetário, esfera armilar, globo celeste) e da Geografia (modelos, mapas em relevo, etc), poderão ainda existir esquecidos e armazenados, os atlas poderão mais facilmente ter levado outros caminhos, atendendo aos aspectos estéticos e, particularmente, ao seu valor comercial. Entre os atlas existentes, dois são claramente escolares (um inglês e um alemão), outro é um atlas histórico, e os dois restantes, são gerais e franceses, um coordenado por Vidal de la Blache e outro editado pela casa Larousse.

As mais representativas editoras são francesas, de Paris. São quatro das cinco instituições que estão presentes na colecção, com cinco ou mais obras editadas. A Masson difunde manuais universitários, por exemplo, através do Cours Élémentaire d'Histoire Naturelle, bem como a casa A. Colin, também especializada em obras de referência e atlas. Do editor Flammarion saem muitas das obras de divulgação, na Bibliothèque de Philosophie Scientifique e na Bibliothèque de Culture Générale, e de Baillièrre, os livros técnicos, na Bibliothèque Utile, e as obras de Geografia física. A única editora que compete com as casas francesas é a Universidade de Coimbra, que traz ao público as produções dos docentes da instituição.

Para mais facilmente ser visualizada a repartição dos lugares de edição das obras em estudo, foi elaborado o mapa da Fig 1. É evidente o predomínio da cidade de Paris como lugar de publicação da maior parte das obras estrangeiras. De facto, das restantes cidades capitais que estão representadas, Londres e Madrid, nenhuma se lhe pode comparar em números de exemplares publicados. A ‘pulverização’ espacial que podemos observar nas publicações em língua alemã pode reflectir uma tendência de desconcentração, editorial ou académica, radicalmente oposta à concentração que ocorre em França. Existem ainda duas obras publicadas fora da Europa, em Nova Iorque, que não estão representadas neste mapa. Embora não sejam relevantes em termos quantitativos, uma delas, o livro de Ellsworth Huntington e Sumner W. Cushing, *Principles of Human Geography*, é uma das principais obras do programa de investigação da Antropogeografia, como se fará referência.

Em Portugal é bastante claro o predomínio de Lisboa. Não deixa, porém, de ser importante o número de publicações na cidade de Coimbra, na maior parte, como é natural, edições científicas da própria Universidade, em que se incluem os trabalhos de Amorim Girão.

Fig. 1 – Obras existentes na Biblioteca da FLUP (1919-1931), segundo o local de edição

Fonte: 'Fundo Primitivo' da Biblioteca Central, Fac. Letras. Univ. Porto, Porto, 1989

Da data de edição das obras que constituem este universo, pode concluir-se que os professores e alunos da primitiva Faculdade de Letras tinham à sua disposição uma biblioteca geográfica bastante actualizada. As datas de publicação destas obras concentram-se nas segunda e terceira décadas do século XX, coincidindo, praticamente, com o período de funcionamento da própria Faculdade. Existem muitas primeiras edições e, dos mais cotados autores estrangeiros, novas edições actualizadas, como é o caso do *Traité de Géographie Physique* de E. de Martonne, em 3.^a ed. corrigida (1.^a de 1909), de 1920.

A ilustração nos livros de Geografia, que hoje está presente até à exaustão, tinha já larga importância na terceira década do século XX. No nosso universo de 118 obras, cerca de três quartos são ilustradas, 35 com mapas, apenas 7 com fotografias.

Foi possível, em alguns casos, determinar uma parte da história, a partir de carimbos, autógrafos ou dedicatórias. Em alguns exemplares encontramos, especificamente, o carimbo do 'Colégio de Santa Maria – Porto', o que pode indicar a proveniência de uma parte desta biblioteca. Adolfo Coelho, um dos confregistas do Casino e o fundador da linguística em Portugal, ou Luís Cardim, especialista em literatura inglesa, último director da Faculdade, são nomes de antigos possuidores ou proprietários de livros que pudemos identificar em obras desta biblioteca. Talvez o maior benemérito em livros de Geografia para a Biblioteca da Faculdade de Letras, tenha sido Aarão de Lacerda, professor de História e Estética da Arte na instituição, desde Outubro de 1921. Lacerda frequentara Direito mas licenciara-se em Ciências Históricas e Geográficas, daí o seu interesse e os seus livros geográficos, mais de três dezenas, num universo que em pouco ultrapassa a centena. É um conjunto com uma composição bastante heterogénea mas com um carácter naturalista bastante acentuado.²²

²² Uma das suas ofertas de livros ficou registada na acta do conselho escolar de 15 de Novembro de 1924 (Luís de Pina – *Op. cit.*, p.105). Aarão de Lacerda não é o único professor a oferecer livros, Arthur Newsome Taylor é outro dos casos.

A Geografia lida e ensinada na Faculdade de Letras do Porto era fundamentalmente Geografia Física. Existem 14 obras de Geografia Geral, os 5 Atlas, 3 trabalhos sobre Cartografia e, entre as 96 obras possíveis de classificar num dos actuais ramos geográficos, 62 são de Geografia Física e 34 de Geografia Humana. No âmbito da primeira encontramos: 12 estudos de Geografia Física geral, 31 de Geomorfologia, 8 de Climatologia, 5 de Astronomia, 4 de Biogeografia e 2 de Hidrologia. A Geografia Humana, com 9 estudos gerais, reparte-se entre: 5 obras de Geografia Cultural, 5 de Económica, 5 de Colonial, 4 de Política, 3 de Regional, 2 de Urbana e 1 da População.

Assim, na Geografia física é especialmente estudada a Geomorfologia com uma forte relação com a Mineralogia e a Geologia; na Geografia humana sente-se o peso da História e da Antropologia com o objectivo da organização e da administração de territórios, e da análise de aspectos económicos e coloniais. Como deixamos dito, para além da ausência da colecção dos periódicos científicos, não podem deixar de faltar aqui muitas obras de Antropologia física e cultural e das várias temáticas coloniais, que poderão ter ficado por várias instituições dentro da Universidade, em função dos interesses e necessidades dos investigadores.

Se tomarmos em consideração a escala e o espaço em que são representados os temas geográficos neste livros, pode concluir-se que o Mundo é claramente o espaço dominante. A escalas maiores, a variedade é grande e não parece haver um critério regional na escolha dos espaços apresentados. Na maior parte dos casos o lugar ou a região parecem ser apenas o suporte do tema das várias subdisciplinas geográficas. Funcionam, assim, mais como exemplares de ciência do que como personalidades geográficas. No caso de Portugal, são relativamente poucos os trabalhos que dizem respeito, quer às regiões que constituem o País, quer aos territórios que fazem parte do império colonial.

2.2. Pensamento geográfico

Se dermos atenção aos títulos disponíveis, são muitas as pistas que apontam para que a Geografia da primitiva Faculdade de Letras do Porto se tenha enquadrado no momento 'antropogeográfico' que a geografia alemã havia inaugurado um quarto de século antes. Do ponto de vista estrito da *teoria do tema*, de entre estes autores, presentes nas estantes da biblioteca, três configuram o programa de investigação académico e científico que se usa chamar, talvez muito simplificada, de 'determinista': Friedrich Ratzel (1844-1904), Ellen Semple (1863-1932) e Ellsworth Huntington (1876-1932). Tentaremos caracterizar as linhas mestras desse programa de investigação, e o papel que dentro dele tiveram as obras e o magistério dos autores referidos. No fim, faremos referência a mais um autor que, dentro deste programa, constitui uma singularidade, associando-se à demolição do edifício teórico e académico que os outros representam. Veremos então qual o seu papel específico no contexto académico da Geografia do Porto.

A relação do homem com a natureza foi o objecto científico em que se afirmou o processo de maturidade positivista da disciplina da Geografia humana dos fins do século XIX.²³ Era um caminho necessário, porque o ambiente positivista e evolucionista em que então viviam as Ciências do Homem não permitiram que a corrente corológica da Geografia, mais excepcionalista, pudesse ter igual visibilidade. Nesse contexto, eram particularmente fecundas as relações de vizinhança com a Etnografia, o que de resto fica bem patente na sobreposição de nomes que a história comparada das duas disciplinas refere como seus fundadores. Alguns geógrafos alemães escreveram tratados que são considerados clássicos da disciplina de Etnografia, dos quais Ratzel e Boas não são certamente os menores.²⁴

Pois, justamente, Friedrich Ratzel é o nome mais importante do programa de investigação das condições naturais de evolução e difusão da vida humana sobre a superfície da terra. Ratzel chamava-lhe-ia *Anthropogeographie*²⁵ e pelas várias traduções nacionais do nome, aquele programa seria

²³ Horacio Capel – *Filosofia y Ciencia en la Geografía Contemporánea*, Barcelona, Barcanova, 1981, p. 279.

²⁴ Paul Mercier – *Histoire de l'Anthropologie*, 3.^a ed., Paris, Presses Universitaires de France, 1968, p. 56-59)

²⁵ É o nome da sua obra mais conhecida, em dois volumes (1882 e 1891). Com subtítulos muito significativos: do primeiro volume, *Aplicação de elementos da ciência da terra à história*; do segundo volume, *A distribuição geográfica dos homens*.

divulgado e vulgarizado nos países de língua não alemã, e também em Portugal.

Que o programa de investigação da Antropogeografia está já perfeitamente integrado no pensamento geográfico português dos fins do século XIX e dos inícios do século XX prova-o a simples consulta da obra academicamente mais importante daquele que pode ser considerado o fundador do estudo universitário científico autónomo da Geografia em Portugal: *A concepção das unidades geográficas. Introdução à antropogeografia* de Silva Telles.²⁶ Este autor vinha já publicando estudos de índole geográfica e colonial, demonstrando a íntima relação entre uns e outros que o programa de investigação ratzeliano já configurava.²⁷ Mas o mais significativo que se pode constatar no livro de Silva Telles é a confirmação de Ratzel como a referência singular mais importante desta nova disciplina da Geografia humana, estatuto que se pode confirmar naquela que é a maior consagração de um investigador: a referência *a-bibliográfica*, isto é, à personagem e já não à obra:

“A tese, que apresentamos, deve ser considerada como uma *introdução* à antropogeografia. A nosso ver, os problemas da *geografia humana* não se esclarecem facilmente quando o seu estudo não é precedido de uma análise das condições que favorecem ou dificultam a fixação das raças humanas. Este ramo das ciências geográficas, tal como é compreendido pelo Prof. Ratzel e pelos que, em Inglaterra e nos Estados Unidos seguem nas suas opiniões, envolve um longo programa, questões políticas, económicas, etnográficas e antropológicas propriamente ditas.”²⁸

A preocupação, mutuamente reforçada, entre o carácter científico que se pretendia dar a esta disciplina nascente e o serviço que poderia prestar à causa imperial alemã levou a que fossem criadas cátedras de Geografia em várias das mais importantes universidades alemãs²⁹, a que se seguiu o exemplo de outros países, entre os quais também Portugal.

De entre todos os divulgadores da obra de Ratzel, há um nome que é unanimemente reconhecido como o mais apostólico na vulgarização da obra do geógrafo alemão: Ellen Semple. A geógrafa americana contactou directamente com o magistério de Ratzel na Universidade de Leipzig, onde estudou. Seria responsável em grande medida pela introdução do programa de investigação da Antropogeografia nos meios académicos dos Estados Unidos e também, o que não terá sido menos importante, pela sua vulgarização em língua inglesa, nomeadamente através da sua obra *Influences of Geographic Environment on the Basis of Ratzel's System of Anthro-geography* (1911).

Se os estudos revisionistas da obra de Ratzel parecem cada vez mais chegar à conclusão de que são exageradas as acusações de determinismo unilinear que lhe foram lançadas pelas escolas de pensamento historicistas que se lhe seguiram³⁰, a fama de Ellen Semple ainda vai sendo a de uma defensora particularmente fervorosa da irreversibilidade da influência das condições naturais sobre a evolução cultural e social da humanidade. É forçoso reconhecer que a autora tem algumas passagens nos seus livros que permitem esse tipo de interpretações, como quando refere a ‘inércia tropical’ a que estão sujeitos todos os que habitam as regiões tropicais, e que fatalmente dá origem a tipos humanos que se caracterizam pela falta de força de vontade, de engenho, dotados de temperamento irascível, quando não dados ao alcoolismo ou à indulgência sexual; ou quando se refere à disfunção fisiológica que os colonizadores de raça branca podem vir a sofrer no coração, rins,

²⁶ Tese vencedora do concurso para a cadeira de Geografia do Curso Superior de Letras de Lisboa, em 1904, e que encontramos na biblioteca da primitiva Faculdade de Letras do Porto. Sobre a *A concepção das unidades geográficas...* dirá Orlando Ribeiro: “Este livro, se por um lado revela grande extensão e variedade de conhecimentos, nada tem de pesquisa pessoal e possui directriz metodológica pouco firme” (“Silva Teles, introdutor da Geografia em Portugal”, *Finisterra*, vol. XI, n.º 21, Lisboa, 1976, p. 15), no que mais revela a sua natureza de reprodução a nível nacional do programa de investigação então em voga.

²⁷ *A Partilha de África* (1890), *A colonização portuguesa nos climas tropicais* (1891), *Os árabes e as raças de África* (1892), *La dégénérescence des races humaines* (1900), *Estradas do Mundo* (de 1902 em diante), *A transportação penal e a colonização* (1903), etc.

²⁸ Francisco Silva Telles – *Op. cit.*, p. 137. As questões ‘antropológicas’ referem-se à Antropologia física.

²⁹ Peschel em Leipzig, Kirchoff em Halle, Ratzel em Munique (mais tarde em Leipzig, também), Von Richthofen em Bona, etc. (cfr. David N. Livingstone – *The Geographical Tradition*, Oxford (UK) e Cambridge (USA), Blackwell, 1992, p. 196).

³⁰ Ver, para a Geografia, Horacio Capel, *Op. cit.*, p. 285; para a Antropologia, Paul Mercier: “Certains de ses élèves trop zélés ont soutenu un déterminisme géographique trop rigide; lui-même était plus nuancé”, (*Op. cit.*, p. 58).

figado ou órgãos reprodutores.³¹ Contudo, apresenta também inesperadas soluções de superação dessas enormes limitações ao esforço colonizador:

“In the real Tropics like India, Cochin, China, the Malay Archipelago, and Central Africa, the whole perplexing and urgent problem of European colonization turns on the difficulty or impossibility of acclimatization [...] This means that the conquering white race of the Temperate Zone is to be excluded by adverse climatic conditions from the productive but underdeveloped Tropics, unless it consents to hybridization, like the Spaniards and Portuguese of tropical America.”³²

Poder-se-ia ver em Ellen Semple uma precursora de teses mais tardias sobre a singularidade da colonização portuguesa, nomeadamente as que, com origem na antropologia brasileira, vieram a caracterizar o luso-tropicalismo?³³

Ellsworth Huntington é igualmente um divulgador da obra de Ratzel; mas é sobretudo o grande teorizador da influência climática nas condições da evolução humana. É apreciável o volume de escritos que tem dedicados a este tema, e proverbial a intransigência com que o defende. A sua presença em expedições geográficas à Ásia Central propiciaram o ambiente geográfico e científico para a defesa da sua teoria da aclimação. A obra de Huntington a que os professores e alunos da primitiva Faculdade de Letras do Porto tinham acesso na sua biblioteca é uma das suas obras mais tardias, *Principles of Human Geography* (1921)³⁴, mas justamente a que, como a atrás referida de Ellen Semple, se poderia melhor caracterizar como um manual de ensino superior e de divulgação académica. A sua formação dentro do evolucionismo da Geografia norte-americana está directamente ligada à revolução paradigmática que, nos fins do século XIX, um dos seus professores, W. M. Davis, operou na Universidade de Harvard.³⁵ Para a Geografia há poucos momentos de descontinuidade epistemológica tão importantes como esse em que Davis apresentou e consolidou academicamente o seu modelo de erosão cíclica, modelo de evolução das formas da Terra que, juntamente com o modelo de evolução das formas de vida, apresentado pelo darwinismo, feria de morte a concepção teleológica da terra como desígnio divino, como morada expectante da humanidade. É desta fonte que Huntington bebe.

Se uma das principais características de uma disciplina científica é a ilustração exemplar dos seus paradigmas³⁶, então não é de estranhar a aplicação de Huntington em traduzir cartograficamente a sua concepção ‘climática’ da evolução da humanidade. Chegou inclusivamente a formular um inquérito de modo a quantificar o ‘grau de civilização’ das várias áreas do planeta, inquérito que distribuiu por outros investigadores de modo a recolher o máximo de informações.³⁷ Desta cartografia não podia resultar (uma vez que dela partiu) outra coisa que não fosse a visão da Europa temperada, sobretudo a área central-setentrional em redor do Mar do Norte, como aquela em que ‘a energia climática’ mais favorece a civilização.³⁸

³¹ David N. Livingstone – *Op. cit.*, p. 235.

³² Ellen Semple – *Influences of Geographic Environment on the Basis of Ratzel's System of Anthro-geography*, Londres, Constable & Company, 1914, p. 628.

³³ Segundo o qual a mestiçagem constituiria um processo essencial na formação da cultura humana dos trópicos, e que atribui aos portugueses um sentimento especial nesse processo, um sentimento em que o amor suplanta o interesse (cf. V. Alexandre, “Luso-tropicalismo”, in *Dicionário de História de Portugal*, dir. de António Barreto e Maria Filomena Mónica, vol. VIII, Porto, Figueirinhas, 1999, p. 391-394).

³⁴ Escrita de parceria com S. W. Cushing.

³⁵ Joaquín Bosque Maurel e Francisco Ortega Alba – *Comentario de Textos Geográficos (Historia y Crítica del Pensamiento Geográfico)*, Barcelona, Oikos-Tau, 1995, p. 74.

³⁶ Thomas Kuhn – *A Tensão Essencial*, Lisboa, Edições 70, 1977, p. 368, nota 16.

³⁷ Diga-se que alguns desses investigadores recusaram-se a contribuir para um empreendimento tão polémico como era o de cartografar o ‘grau de civilização’ dos povos da terra. George Chisholm (de que existe também um livro de Geografia comercial no fundo da Biblioteca da primitiva Faculdade de Letras do Porto), reconhecia em si uma “peculiar incapacity for forming judgements about peoples”. Não menos acutilante é Franz Boas: “I feel [...] quiet unable to comply with your request [...] it seems to me necessary to eliminate the peculiar combination of the development of cultural forms and the intrusion of the idea of our estimate of their value, which has nothing to do with these forms”. Ambas as citações reproduzidas em David N. Livingstone, *op. cit.*, p. 226.

³⁸ *Ibid.* p. 210-212.

Se há um estereótipo que quase sempre se cola aos investigadores, o de Huntington é o da influência determinante do clima na morfologia e dinâmica sociais. Porém, se era defensor dessa influência a uma escala ambiental mais lata, não deixava de defender a importância da constituição genética, pelo que o podemos ver associado a alguns empreendimentos próximos do eugenismo. Huntington é um dos autores em que se insinua mais nitidamente uma aceitação do lamarckianismo na epistemologia do pensamento geográfico e portanto uma demonstração de como, nos inícios do século XX, a concepção darwinista não tinha sido ainda inteiramente compreendida no seio da disciplina. Podemos ver Huntington a defender que alguns organismos eram directamente modificados pelas condições climáticas e que transmitiam por sua vez estas modificações aos seus descendentes.³⁹ Vemos assim que a teleologia ritteriana manteve a sua influência sob formulações mais tardias na Geografia humana, substituída por um desígnio da própria natureza.

Nos últimos anos do século XIX, as concepções positivistas e evolucionistas começam a ser postas em questão em vários campos das ciências do homem. A História substitui a evolução, a compreensão substitui a explicação. Uma polarização ontológica e metodológica foi apropriada pela Geografia e por outras ciências que estudavam ao mesmo tempo o Homem e a Natureza. Num movimento filosófico de fundo que varreu todas as ciências sociais, e que fez destacar a independência e liberdade fundamentais do homem, surgem-nos nomes como Durkheim, Febvre ou Vidal de La Blache. Será através do magistério de Vidal de La Blache que o programa de investigação e de ensino académico da Geografia regional vingará. Uma Geografia que sustentava que a natureza é condição necessária mas não suficiente da dinâmica cultural e social da vida humana. O papel da Geografia humana passou a ser, com Vidal de La Blache, o de compreender a tradução da vida geográfica do globo na vida social dos homens. A verdade é que não vemos, hoje, entre os livros de geografia da primitiva Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nenhuma das obras epistemológicas de Vidal de La Blache que, sem dúvida, teriam existido no primitivo acervo.⁴⁰

No início deste ponto havíamos referido, no contexto das obras de Geografia da primitiva Faculdade de Letras da Universidade do Porto, uma singularidade, essa singularidade é justamente Lucien Febvre e o seu *La Terre et l'Évolution Humaine: Introduction Géographique à l'Histoire* (1922). Vindo-nos pela disciplina da História, ele é afinal, para a Geografia do Porto dos inícios do século XX, o principal representante dessa Geografia possibilista de Vidal de La Blache. Nas páginas da sua obra, são inúmeras as passagens que testemunham o credo vidaliano de que na natureza não há necessidade, apenas possibilidade; e de que o ser humano, como senhor dessa possibilidade, não se submete ao clima, ao solo ou ao relevo – impõe-se a si próprio:

“[...] la géographie humaine a pour mission de montrer comment et dans quelle mesure l'homme est un agent géographique qui travaille et modifie la surface du globe, au même titre que l'eau, le vent ou le feu. [...] Pour agir sur le milieu, l'homme ne se place pas en dehors de ce milieu. Il n'échappe pas à sa prise au moment précis où il cherche à exercer la sienne sur lui.”⁴¹

Mas esta é uma singularidade que não desmente o essencial. A Geografia da primitiva Faculdade de Letras do Porto é herdeira directa do programa de investigação da Antropogeografia ratzeliana. São muitas as pistas, cremos nós, que ajudam a que assim se pense: a existência na Biblioteca de obras fundamentais deste programa, a começar pela obra do próprio Ratzel; o concurso de Silva Teles, que permite ver que este era um programa que se exigia como exemplo de cientificidade na carreira académica; as vulgarizações mais famosas que dele se fizeram em língua inglesa, os livros de Semple e Huntington; talvez o demonstre também, se a sua omissão não teve origem no

³⁹ David N. Livingstone – “Environmental determinism”, in R. J. Johnston *et al.* (ed.), *The Dictionary of Human Geography*, 2000, p. 212-3.

⁴⁰ Existe um atlas, é certo, mas a sua natureza de instrumento de trabalho exclui-o das obras de pensamento geográfico que aqui estamos a considerar. Das obras dos seus discípulos, existe o *Tratado* de De Martonne, mas este é um manual de geografia física, o que nos leva para muito longe das considerações que aqui estamos a fazer.

⁴¹ Lucien Febvre – *La Terre et l'Évolution Humaine: Introduction Géographique à l'Histoire*, Paris, La Renaissance du Livre, 1922, p. 439.

desmantelamento da Faculdade e da sua Biblioteca, a falta dos livros associados ao programa vidaliano.

Assim, a singularidade que constitui neste acervo o título de Lucien Febvre, que podia configurar um programa de investigação geográfica alternativo ao programa da Antropogeografia, e apesar do profundo humanismo que ressoa nas suas palavras, não passa de ser isso mesmo – uma singularidade.

3. A produção geográfica da Faculdade de Letras

Apesar do muito relevo dado ao ensino das suas matérias específicas, os vários professores de Geografia da primeira Faculdade de Letras do Porto não produziram muitos trabalhos científicos de cariz geográfico. Atendendo às suas formações específicas e aos seus interesses na investigação, no caso de A.A. Mendes Corrêa, de Artur de Magalhães Basto e de Torquato de Sousa Soares, com extensas e notáveis obras publicadas, elas respeitam maioritariamente à Antropologia e à História.

Mendes Corrêa, no conjunto da sua extensa bibliografia, deu apenas à estampa perto de uma dezena de títulos, onde a ligação da Geografia Física e da Geopolítica à Antropologia e à Etnologia é bastante evidente.⁴² São bem ilustrativos os estudos que publicou no rescaldo da I Guerra Mundial: *As Condições Físicas na Formação das Raças*⁴³ e *As Bases Geográficas e Étnicas da Nova Carta Política da Europa*, este último inserto na revista científica que desde logo a Faculdade de Letras começara a publicar.⁴⁴ Nas décadas seguintes, extinta a Faculdade, continuará a cultivar os mesmos temas, “tomando verdadeiras atitudes de arrebato nacionalista, no contexto de iniciativas culturais e políticas realizadas durante o Estado Novo.”⁴⁵: *A Geografia da Pré-história*⁴⁶, sobre os condicionamentos geográficos na distribuição do povoamento na Europa, naquele período; *Vallaux e a Geografia Geral dos Mares*⁴⁷, sobre a Geopolítica das grandes potências marítimas; *La Distribution Géographique des Hommes Supérieurs*⁴⁸, onde estuda a repartição regional do “homem superior” em Portugal, a partir de aspectos históricos, culturais e hereditários, e *O Bloco Peninsular*⁴⁹, análise das características históricas, sociais e económicas comuns entre Portugal e Espanha, e na sequência do Pacto Ibérico assinado em 1940.⁵⁰ Depois da II Guerra Mundial, apenas uma vez Mendes Corrêa voltará a abordar temas geográficos: *São Paulo no Quadro Geográfico Sul-Americano*, uma conferência comemorativista na Faculdade de Engenharia do Porto.⁵¹

No caso de A. de Magalhães Basto, cunhado de Mendes Corrêa, a produção geográfica resume-se a dois títulos publicados durante a existência da Faculdade de Letras – *A Fronteira Hispano-Portuguesa (ensaio de Geografia política)*⁵² e *Reivindicações da Ciência Geográfica*⁵³ –, o primeiro bastante datado mas um dos mais desenvolvidos estudos sobre o problema da fronteira terrestre portuguesa. Dele diz H. Lautensach: “Analisa de modo perfeito a orla fronteiriça hispano-portuguesa sob um grande número de pontos de vista antropogeográficos [...] A conclusão do autor, de que

⁴² Essa relação era então amplamente cultivada, bastará recordar a secção de Geografia Física e Política existente na Sociedade de Geografia de Lisboa, nas primeiras décadas do século XX. Sobre a obra geográfica de Mendes Corrêa ver Pedro Cabral Teles, *A Geopolítica na História e no Ensino da Geografia Portuguesa (1910-1960)*, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000 (Dissertação de Mestrado em Geografia: Dinâmicas Espaciais e Ordenamento do Território).

⁴³ Sep. *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*, Porto, XIII, 1919, 30 p. O estudo foi posteriormente refeito, traduzido e incluído na revista *Scientia*, Paris, 1921, p. 371-380.

⁴⁴ *Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Porto, I, 3-4, 1921, p. 179-248. Entre 1920 e 1923 saíram seis números da revista, em três fascículos, num total de 542 p. Dois anos depois de publicado o artigo de Mendes Corrêa, Luís Schwalbach fará sair em Lisboa, um outro estudo de Geopolítica, com o mesmo tema de estudo mas de qualidade muito inferior: *A actual carta política da Europa. Estudos de Geografia histórica, política e económica*, Paris-Lisboa, Bertrand, 1923, 89 p.

⁴⁵ José da Silva Ruivo apud. Luís Reis Torgal, José Amado Mendes e Fernando Catroga – *História da História de Portugal, séculos XIX-XX*, I, Lisboa, Temas e Debates, 1998, p. 297.

⁴⁶ Porto, Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 1929, 80 p.

⁴⁷ Sep. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, Porto, XVIII, 1934, 32 p.

⁴⁸ Sep. *Revue Anthropologique*, Paris, 1-3, 1933, 7 p.

⁴⁹ Sep. *Ocidente*, Lisboa, 59, 1943, 34 p.

⁵⁰ Deste período poderíamos ainda referir, “La zoogéographie des ‘Lusiades’”, *Comptes Rendus du XIIe Congrès International de Zoologie*, Lisboa, 1935.

⁵¹ In Hugo Rocha (coord.) – *Em louvor do Brasil...*, Porto, Grupo de Estudos Brasileiros do Porto, 1955, p. 13-28.

⁵² Sep. de *O Instituto*, Coimbra, LXX, 1923, 46 p.

⁵³ Sep. de *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, Porto, III, 2, 1926, 7 p.

esta fronteira pertence ao tipo das 'frontières vives' de Vallaux, é evidentemente falsa.⁵⁴

Torquato de Sousa Soares, com estreitos contactos com as Escolas Geográficas de Coimbra e de Lisboa, em muitos dos seus trabalhos contempla os factores geográficos na explicação histórica, particularmente naqueles que dedicou à formação de Portugal.⁵⁵ Porém, não encontramos na sua vasta bibliografia, mesmo no início da carreira académica no Porto, títulos especificamente classificáveis no quadro das ciências geográficas. De António Luís Gomes e de Humberto Pinto Lima, um dos dois únicos professores da Faculdade, licenciado pela própria instituição, o outro foi Torquato Soares, nada encontramos. Finalmente, de entre as dezenas de obras recenseadas dos antigos alunos, também não é fácil reter títulos que provem que o ensino das Ciências Geográficas teve entre os discentes influência profunda.⁵⁶ Apenas Sant'Anna Dionísio, em muitos dos seus textos de divulgação, inclui verdadeiras descrições geográficas das paisagens portuguesas.

⁵⁴ Hermann Lautensach – *Bibliografia Geográfica de Portugal*, I, Lisboa, Centro de Estudos Geográficos, 1948, p. 35.

⁵⁵ Como sejam: *Reflexões sobre a origem e a formação de Portugal*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1962 e *Contribuição para o estudo das origens do povo Português*, Sá da Bandeira, Universidade de Luanda, 1970.

⁵⁶ Ver Adriano Eiras – *Faculdade de Letras do Porto, 1919-1931: contribuição bibliográfica para a sua história*, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1989.